

PCB define as bases para o apoio na final

Com um por cento dos votos do eleitorado, 160 mil militantes e o diálogo retomado com a intelectualidade, o Partido Comunista Brasileiro está preocupado, desde já, com o terceiro turno das eleições, ou seja, a administração de um País com profundos desequilíbrios sociais, atrasado e conservador, por um governo de esquerda. Quanto ao segundo turno das eleições, a opção é natural: o partido estará no palanque do candidato da esquerda, Lula ou Brizola.

Para discutir em que bases apoiará a esquerda na sucessão presidencial, o PCB realiza desde ontem sua convenção nacional, aberta a quem quiser aparecer, no auditório da Câmara dos Deputados. O partido defende a definição de um programa mínimo que congregue todas as forças progressistas e democráticas e resulte num governo de coalizão. Na opinião do candidato Roberto Freire, só assim será possível abrir o caminho da vitória e, mais importante ainda, viabilizar a administração do País pela esquerda.

DIFICULDADES

Segundo Roberto Freire, há algumas dificuldades naturais para se costurar a aliança das esquerdas. A principal delas é o sectarismo, a visão ultrapassada e stalinista de algumas correntes. Essas, para ele, devem ser imediatamente descartadas pelo candidato da esquerda. Primeiro porque 17 ou 18 por cento do eleitorado (votação provável do vitorioso das esquerdas no primeiro turno) não significam apoio majoritário da população. Depois, mesmo que o candidato vença no segundo turno, os 51 por cento de votos obtidos não lhe conferem todas as condições para governar.

Freire entende que ninguém governa sem se articular com as organizações e as instituições políticas, sem bases de sustentação que se somem ao apoio popular. Ele acha que duas coisas não devem figurar como elementos de negociações: a relação de votos obtidos no pleito e a participação no governo. A prioridade absoluta deve ser a definição de um programa e a formação de uma aliança capaz de dar sustentação política à administração progressista.

Para isso, Freire acha que não se deve começar o entendimento pelos vetos. O PMDB, por exemplo, não deve ser excluído do diálogo e deve, em princípio, vir inteiro para o entendimento. Quando o programa de governo progressista estiver definido, conservadores como Roberto Cardoso Alves cairão fora automaticamente. Virão para a aliança, peemedebistas de tradição democrática como Ulysses Guimarães, Waldir Pires, Miguel Arraes, Pedro Simon e os membros da executiva do partido, predominantemente progressista.

A aliança, conforme Roberto Freire, não é nada complicada. Até porque os candidatos da esquerda com chances de vitória elegeram programas dentro dos limites do capitalismo. "A candidatura mais à esquerda era a nossa" observou o comunista, para concluir que a eventual eleição de Lula ou Brizola apenas modificaria a hegemonia política no País e acrescentaria algumas pitadas de reformas sociais ao regime capitalista atrasado. Para ele, essa meta é perfeitamente possível com as alianças corretas. Basta verificar o êxito da esquerda na Constituinte e repetir a habilidosa articulação que permitiu derrotar a direita.

O único problema são as concepções políticas "anacrônicas e sectárias" de alguns grupos de esquerda, disse Freire para depois perguntar: "Há algo mais reacionário do que o stalinismo?"